

O Borrão. Cada um vê o que quer.

O que posso ver em um ponto?

Posso ver uma foto, algo que representa um instante de existência de alguém.

Vejo que um simples ponto, forma uma partícula de vida. Algo que é em si mesmo, uma representação complexa de tempo, imagem, algo como um quadro.

Se a esse ponto quadro agrego outro, e outro seguidamente, tenho uma linha, uma fileira de quadros, fotos. Uma representação da existência de algo. Que se a ponho movimento, e dou velocidade, tenho um filme, uma película, a película de algo existente.

Cada ponto é atravessado ou superposto por outro. E assim formamos duas linhas que se cruzam. Formamos um símbolo de mais.

A linha horizontal representaria uma existência, uma vida. E a vertical a morte. Que seria o fator determinante da imobilidade, do quadro ser imóvel, representando somente um instante, a partícula de quadro-tempo específica.

Quando colocamos todas as linhas formando cruces, aparece somente um borrão.

O borrão de uma existência. A representação da vida. Que vai desde o mais reduzido tempo de vida, dessa existência; até o ser infinito que representa a eternidade, o ser Deus.

A Existência parece formada da vida de todas as coisas. Mas como compreender isso?

Somente parece um borrão!

Mas está vindo o catador, juntando todos os borrões e colocando em sua aleatória ordem.

Então o que tudo vê, da zoom, zoom e zoom.

Escutando-se desde a Índia, uma voz que dizia:

- Olhem! É Shiva Shivaratri!

* (Shiva Shivaratri representa a dança cósmica na filosofia induísta.)